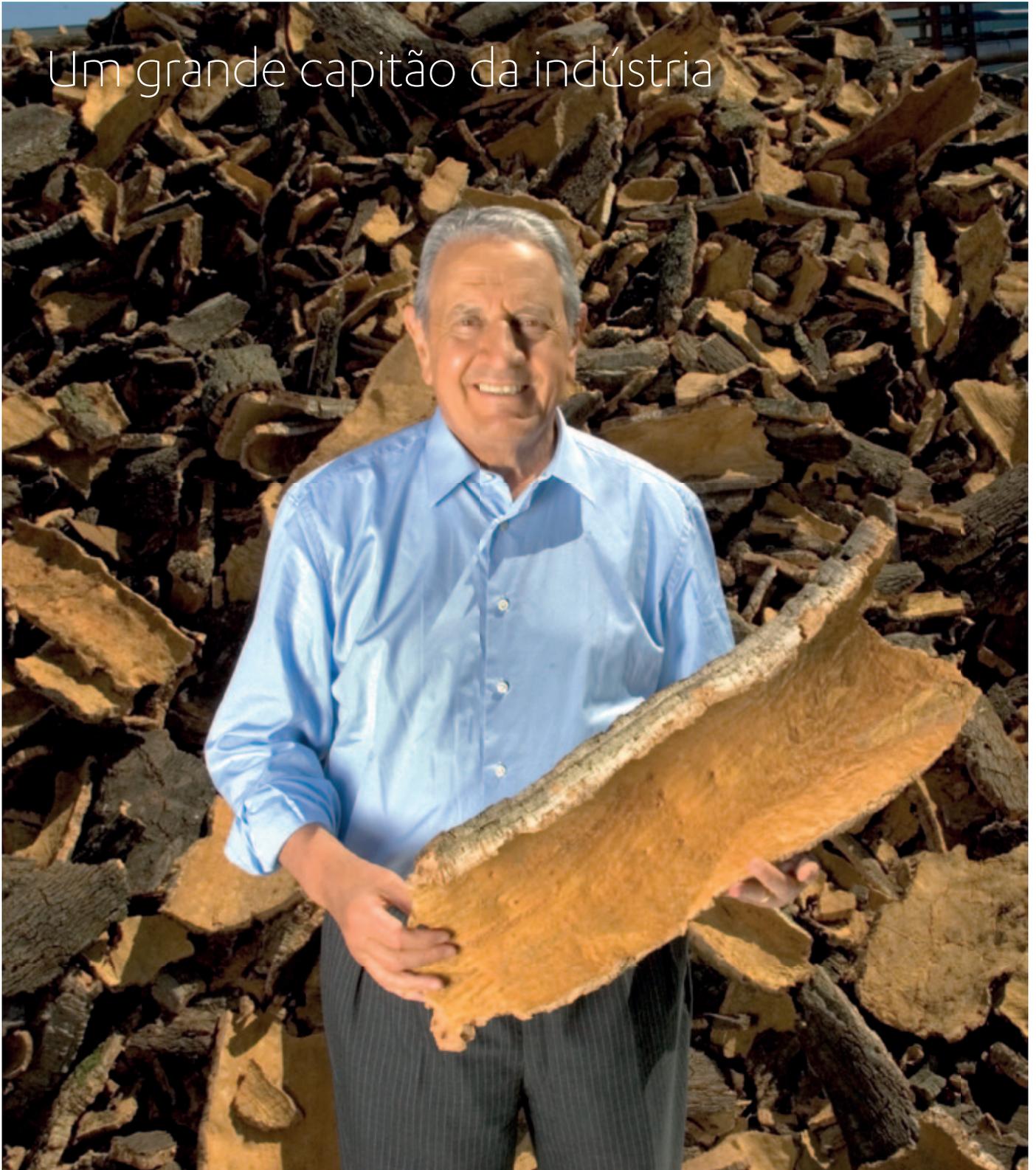


Um grande capitão da indústria



“Empresário com um caráter empreendedor, determinado, persistente e, muitas vezes, visionário (...) marcou, de modo inabalável, setores da vida económica, como o da cortiça, e culminou o seu percurso com posição decisiva no domínio petrolífero”,
 Marcelo Rebelo de Sousa,
 Presidente da República

“É uma das figuras da indústria portuguesa do pós-25 de abril. Com ele perde-se uma atividade e capacidade empreendedoras e dinamizadoras que todos lamentamos, que fazem falta a Portugal e que outros deviam ter para ajudar Portugal no crescimento. Portugal perde um dos capitães da indústria”,
 António Saraiva,
 presidente da CIP

“Habituei-me a respeitá-lo como um grande empresário português, com uma visão estratégica fabulosa e com uma objetividade notável”,
 Mira Amaral, antigo ministro do Trabalho, da Indústria e da Energia, e atual presidente do Banco BIC

Somos aquilo que fazemos consistentemente. Assim a excelência não é um ato, mas sim um hábito.
 Américo Amorim

O “self made man” que construiu um dos maiores impérios industriais do país

Américo Amorim vai prevalecer na História de Portugal como uma das mais importantes personalidades, enquanto empreendedor, criador de riqueza. Homem de rigor, ética e moral. Conseguiu ver para lá do imediato, demonstrou estar à frente do seu tempo, ao criar, constantemente, pontes com o futuro.





Os irmãos Isaura, Joaquim, Luzia, Américo, Albertina, António, Margarida e José Ferreira de Amorim, em 1954.

Nascido a 21 de julho de 1934, faleceu a poucos dias de completar o seu 83º aniversário, no passado dia 13 de julho. Conhecido como o “Rei da Cortiça”, por ter feito da sua empresa, a Corticeira Amorim, a maior do mundo no setor, o seu legado perdurará no imaginário nacional, muito para lá do mundo restrito dos negócios.

Natural de Mozelos, no concelho de Santa Maria da Feira, Américo Ferreira de Amorim é o quinto de oito filhos de Américo Alves de Amorim e Albertina Ferreira, gente humilde, que soube inculcar nos descendentes as virtudes do trabalho, da honra e da palavra.

A sua infância é passada numa casa agrícola. As condições, como tantas vezes conta ao longo do seu percurso de vida, são modestas e austeras, o que molda o seu caráter e a forma de ver a vida e os negócios. Apenas aos nove anos tem o seu primeiro par de sapatos, quando completa a 4ª classe. E, mesmo assim, só usa para ir aos domingos à missa.

Desde cedo, ajuda a família nas tarefas agrícolas, para nos períodos de férias apoiar no que for necessário na fábrica de rolhas de cortiça do avô. A sua família desde o século XIX que encontra na indústria corticeira o modo de vida e subsistência, quando em 1870 o seu avô, António Alves de Amorim, funda a empresa.

Aos 19 anos, já órfão de pai e mãe, recebe como herança 2,5% da Amorim & Irmãos (os restantes irmãos ficam, cada, com igual participação), dinheiro que os rapazes dão às irmãs, e alguns terrenos – que a família de Américo Amorim ainda possui. Perante o apelo do seu tio, Henrique Amorim, abandona o Curso Comercial do Porto e entra nos quadros da fábrica. O seu primeiro ordenado mensal não ultrapassa os singelos 500 escudos.

Com gosto pela geografia e apaixonado por viagens, rapidamente evolui para um empresário arrojado, capaz de antecipar a globalização da economia e de assumir-se como um dos protagonistas do Portugal eufórico que adere em 1986 à CEE.

O Império Amorim

A cortiça é o berço simbólico e sentimental de um conglomerado global. O universo da Corticeira Amorim, liderado desde 2001 pelo seu sobrinho, António Rios de Amorim, organiza-se em cinco Unidades de Negócio (Matérias-Primas, Rolhas, Revestimentos, Aglomerados Compósitos e Isolamentos), e opera nos cinco continentes.

Detém 75 empresas, 28 delas unidades industriais, e os seus produtos são vendidos em mais de cem países. Fora da esfera corticeira, desenvolve os seus negócios em torno das áreas da floresta, energia, setor financeiro, imobiliário e luxo. Na floresta e agricultura concentra-se em duas frentes: o Douro, com vinho, olival e duas quintas (300 hectares); o Alentejo, com um milhão de sobreiros e intensa produção agrícola, olivicultura, criação de gado e caça.

Além-fronteiras, são muitos os seus interesses. Em Moçambique conta com o Banco Único. Nos últimos anos a vocação agrícola ganha força, com a participação num consórcio que desenvolve um projeto agrícola de grande dimensão na Zambézia, para o cultivo de soja, arroz e feijão.

No Brasil detém uma posição no Banco Luso-Brasileiro. Há ainda investimentos residenciais e turísticos, tanto em Portugal, como no Brasil. Amorim concentra no nordeste brasileiro alguns dos maiores investimentos no turístico-imobiliário, em especial na Praia do Forte e em Marajú, no Estado da Bahia.



“Américo Amorim ficará para sempre como uma referência e um líder ímpar, que se dedicou pessoalmente a garantir uma visão e um futuro próprio para o projeto da Galp”, Galp

Américo Amorim “deixa um exemplo de inequívoco empreendedorismo no plano nacional e internacional, por se ter tornado o empresário com a principal produtora e exportadora de cortiça do mundo (...) a AEP presta a sua sentida homenagem a uma figura incontornável da vida empresarial portuguesa”, AEP (Associação Empresarial de Portugal)

“Era um homem honesto, muito bom e excepcionalmente inteligente”, Frei Bernardo Domingues

Desde sempre compreendi que as obras se constroem com a participação e o respeito para com todos os que estão à nossa volta.

Américo Amorim

As origens de Américo Amorim

Para perceber melhor o perfil de Américo Amorim, homem que não precisou da Universidade para alavancar um sucesso estruturado num extenso império económico, importa conhecer as suas raízes, de onde veio a sua alma e força de vontade.



Américo Amorim com os seus irmãos António (à sua esquerda) e José, em 1962

Em 1870, o avô, António Alves Amorim, então já com 48 anos, abre uma pequena oficina para o fabrico de rolhas destinadas aos barris de Vinho do Porto. Esta localiza-se bem no meio do comércio vinícola, na Rua dos Marinheiro, em Gaia, perto do Largo Sandeman.

Sem grande sucesso no primeiro negócio, no início do século XX muda-se para Santa Maria de Lamas, de onde é natural a sua esposa, Ana Pinto Alves Amorim, juntamente com os filhos. Cria uma pequena fábrica para a produção de rolhas, numa altura em que o mercado atravessava um bom período.

Como resultado, a 11 de março de 1922 nasce a Amorim & Irmãos, Lda., da qual são sócios os nove filhos vivos de António Alves Amorim. Poucos meses depois, a 11 de outubro, este viria a falecer, com 90 anos.

No início dos anos 30, a Amorim & Irmãos é já “a maior fábrica de rolhas do Norte de Portugal”, com contactos comerciais estabelecidos com o Japão, Alemanha, EUA, Brasil e Inglaterra. Porém, a 21 de março de 1944 um incêndio destrói a fábrica de rolhas. O abandono do negócio é uma hipótese. Com a ajuda dos 350 operários, volvido menos de um ano a fábrica já está a funcionar parcialmente.

É apenas na década seguinte que a empresa começa a obter resultados que lhe permitem pagar todas as dívidas contraídas após o incêndio de 1944.



Alpendre onde se iniciou a atividade da família Amorim, em Sta. Maria de Lamas



Discurso de Américo Amorim na comemoração do 60º Aniversário da Amorim & Irmãos

Cortiça, ainda, e sempre, o primeiro amor

A cortiça é a base de tudo o que a família Amorim construiu ao longo das últimas décadas. A Corticeira é fundamental no pensamento estratégico de Américo Amorim.

O alargamento empresarial a Leste faz-se por via da cortiça, com a implementação da Hungarokork-Amorim nos arredores de Budapeste. A sua criação em 1984, enquanto unidade de transformação de rolhas, procura marcar uma posição nos mercados do ex-COMECON.

Quatro anos mais tarde, as quatro maiores empresas da Corticeira Amorim - Amorim & Irmãos, S.A., Corticeira Amorim Indústria, S.A., Ipcork - Indústria de Pavimentos e Decoração, S.A. e Champcork - Rolhas de Champanhe, S.A., lançam uma oferta pública de venda de ações representativas do seu capital social na Bolsa de Valores de Lisboa, uma decisão crucial para que a empresa seja uma das grandes referências empresariais do país.

Américo Amorim sempre teve uma estratégia de diversificação geográfica e de negócio. Prova disso é também a aquisição, ainda antes do final da década de 1980, da Wicanders, detentora de uma vasta rede de pavimentos com grande foco na cortiça, em especial nos países do norte e do centro da Europa. Por volta de 1992, pode dizer-se que as atividades do Grupo nas áreas de revestimentos e isolamentos em cortiça estão consolidadas. Tais operações acabam por resultar na criação da Amorim Isolamentos. Com a incorporação da belga CDM e da parceria com a holding holandesa Kies-Kurk, a rede de distribuição já existente ganha ainda maior dimensão. E não é apenas a Europa a ser alvo da política de expansão e verticalização, também os EUA e o Canadá vão conhecer a ambição dos Amorim.

Como resultado desta estratégia, é na sua liderança que Portugal se torna no primeiro exportador e importador mundial de cortiça, com 80% das exportações de produtos resultantes da sua transformação. O Grupo Amorim torna-se na grande referência do setor.

«Portugal perdeu aquela que era uma das principais referências do mundo empresarial nas últimas décadas (...) Do setor da cortiça ao setor financeiro, passando pelo turismo, têxtil, telecomunicações, imobiliário, produção de vinhos e setor energético, Américo Amorim investiu, criou e desenvolveu empresas e criou emprego, contribuindo assim para o desenvolvimento de Portugal», António Costa, Primeiro-ministro de Portugal

“O mais profundo pesar pela morte do empresário Américo Amorim, uma personalidade que marcou de forma incontornável o setor da cortiça em Portugal e no Mundo e que deixa um legado de inovação e expansão do setor”

“Deixou-nos a maior referência da Indústria da Cortiça, (...) um caráter visionário e empreendedor que confere ao empresário e ex-presidente da APCOR, Américo Amorim, um lugar ímpar na história desta fileira”, João Rui Ferreira, presidente da APCOR

Nem um só mercado,
nem um só cliente,
nem uma só divisa,
nem um só produto.

Américo Amorim

A chegada de Américo Amorim ao negócio da família

É por volta de 1953, com a morte do pai, que o tio Henrique Amorim propõe a Américo a integração nos quadros da empresa, convite que aceita de imediato. A sua entrada dá-se em setembro, sem sequer terminar o Curso Geral do Comércio. Começam, assim, seis décadas que vão mudar o rosto do modelo empresarial português.



Américo Tomás, Presidente da República, numa visita às empresas Amorim, em 1970

A vida e as viagens são a sua universidade. Assume não ter ficado com especiais saudades da escola, apesar de reconhecer a importância do estudo. Prefere o contacto com o mundo, conhecer a diversidade de continentes, visitar países, compreender as culturas dos povos, as suas vivências, valores e hábitos.

Em maio de 1955 Henrique Amorim viaja de automóvel com os sobrinhos, por Espanha, França, Itália, Suíça, Holanda e Alemanha.

Logo depois, Américo Amorim parte para Bordéus, no Sud Express. Em Biarritz faz um curso de francês, percorre a França e segue pela Europa. Até 1967 visita países da Europa e América Latina. Preconiza que o espaço natural de Portugal é a Europa e que um dia o país será membro do mercado comum europeu. As observações por toda a Europa fazem-no aproximar-se ainda mais dessa dinâmica – alargamento do mercado, melhorias das condições de trabalho e rentabilidade de produção, bem como a noção que tudo está em permanente mudança e desenvolvimento.

Américo Amorim assume-se como uma espécie de Ministro dos Negócios Estrangeiros da Amorim & Irmãos, em busca de contratos por todo o mundo.

Nas suas viagens compreende como nos EUA se acrescenta valor à cortiça com novos produtos. Em 1958 visita a Roménia e depois a União Soviética, numa primeira incursão à COMECON. Apercebe-se da forma como na Alemanha, EUA, França, Reino Unido ou Japão a cortiça, com excepção das rolhas, é importada em bruto e depois transformada em produtos, como aglomerados para isolamentos, revestimentos de paredes e pavimentos, ou em juntas para motores de variadas indústrias.

É neste momento que começa a conceber uma nova fábrica, cujo objetivo é aproveitar os 70% de desperdícios gerados pela Amorim & Irmãos no fabrico de rolhas. Assim, em janeiro de 1963 surge a Corticeira Amorim Indústria. O novo complexo fabril instala-se na Quinta de Meladas, em Mozelos. Entra em ação a estratégia que define a verticalização de negócio, isto é, a cortiça deixa de ser exportada apenas como matéria-prima e passa a ser igualmente transformada em Portugal. A sua exportação faz-se já como produto acabado, o que permite maiores margens de lucro.



O Grupo entra em velocidade cruzado e ganha dimensão. Destaca-se no quadro industrial e empresarial português e dá a Américo Amorim o papel de protagonista na estratégia de tornar Portugal no líder industrial da cortiça.



A sua personalidade

Américo Amorim sempre preferiu a ação às palavras. Também por isso, foram tantos os negócios e os projetos em que interveio, ao contrário das poucas entrevistas que deu. Esta forma de estar implica que muito poucos tenham realmente conhecido o grande empresário de Mozelos, um homem de família e agregador, pouco disponível para abrir as portas da sua intimidade.

Ainda assim, é conhecido pela dureza na negociação, um gestor temido, mas, em simultâneo, admirado. De uma energia incansável, para quem o dia de trabalho tem 24 horas e “ainda há a noite”, detestava perder tempo, pelo que quase nunca se atrasava. Por outro lado, em todos os anos que esteve na linha da frente da empresa demonstrou grande cuidado e respeito pelos seus colaboradores.

Totalmente focado, inabalável, até, na consecução dos objetivos a que se propôs, sempre assumiu grande cuidado na gestão do tempo, sabendo traçar com rigor as prioridades.



Wanj Te Ian, Presidente do Banco da China, visita o Labcork em 1984



1983. Primeira visita do Presidente Ramalho Eanes



1986. Visita de Sua Majestade, Rainha Sílvia da Suécia às Caves Real Companhia Velha



1989. Receção no Palácio de Queluz ao Presidente do Uruguai, Dr. Júlio Mará Sanguinetti, durante a visita a Portugal



1984. Visita do Presidente austríaco Rudolf Kirschlager e do Presidente Ramalho Eanes



1990. Visita de Sua Majestade, a Rainha Beatriz da Holanda



1995. Reuniões do European Round Table, Paris



1998. Visita do Presidente da Hungria, Dr. Árpád Goncz



Receção a Sua Majestade, o Rei Juan Carlos de Espanha no Palácio da Bolsa no Porto



Visita de Sua Majestade o Príncipe de Marrocos Fouad Filali



2000. Visita de Fidel Castro, Presidente da República de Cuba



Américo e Maria Fernanda Amorim numa receção no Palácio da Bolsa, numa visita oficial de Sua Majestade, a Rainha Isabel II de Inglaterra



2011. Visita do Presidente de República, Cavaco Silva, à Fundação Albertina Ferreira de Amorim

“Américo Amorim ficará na história da economia portuguesa (...) levando o nome de Portugal a todo o mundo, através das rolhas e indústria corticeira”, Cavaco Silva, antigo Presidente da República e Primeiro-ministro

“Contributo de Américo Amorim para o desenvolvimento da iniciativa privada em Portugal (...) um exemplo para todos os empresários portugueses”, Nuno Botelho, presidente da ACP (Associação Comercial do Porto)

“Américo Amorim continuará a viver na nossa memória por muitos séculos por ter sido uma figura ímpar e um modelo de empresário e cidadão exemplar (...) por ter sabido colocar as suas qualidades ao serviço da comunidade e ter transformado completamente a indústria da cortiça portuguesa, fazendo dela uma referência mundial”, Emídio Sousa, presidente da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

Muitas vezes, é preciso ter coragem para romper com a História.

Américo Amorim

O período revolucionário

É por volta de 1972 que Américo Amorim começa a comprar herdades no Alentejo. Após a Revolução de Abril, e com a criação por parte do Governo provisório de Vasco Gonçalves de uma zona de intervenção da Reforma Agrária, são-lhe expropriados 3 mil hectares de terras, para serem entregues às Unidades Coletivas de Produção. Mas logo no ano seguinte recomeça a comprar, na região, terras a proprietários assustados com o rumo que a situação está a levar.



Ainda neste período, o Estado tenta implementar um plano para controlar o comércio externo de cortiça. Para tal, conta com o auxílio de uma delegação soviética cujo principal responsável é um burocrata oriundo de Moscovo, cujo apelido é Zamiatin. No entanto, e mais uma vez, a experiência internacional de Américo Amorim na Europa de Leste e a sua capacidade diplomática ajudam ao desenlace da situação. Entra em contacto com Zamiatin em duas ocasiões e convence-o a recuar nos intentos de concentrar nas mãos do Estado português as encomendas de cortiça dos países do Leste europeu.

A mestria diplomática com que Américo Amorim lida com o período de instabilidade em Portugal entre 1974 e 1976 resulta noutras ações muito específicas, mas capazes de servir os seus objetivos nos negócios.

Discurso aquando da tomada de posse como Cônsul da República da Hungria, em 1989



Assim, aos diplomatas das embaixadas do Leste, que se instalam em Portugal logo após a Revolução, são criados serviços de apoio logístico à sua estadia em território português. E até os dirigentes das Unidades Coletivas de Produção têm oportunidade de conhecer as fábricas de Mozelos e verificarem como estas funcionam, longe de quaisquer práticas especulativas, como muitos então acusavam Amorim. Os resultados deste esforço diplomático permitem que se mantenham as compras regulares de cortiça a essas mesmas unidades.



Visita de Li Xian Nian, Presidente da República Popular da China, em 1984

Curiosidades de uma vida profissional cheia

Sempre fez questão de ser tratado por Senhor Américo, orgulhoso das suas origens humildes. Sem qualquer curso superior, o seu perfil dirigente e visionário era o de alguém para quem a aposta na inovação e em recursos humanos altamente qualificados é a fórmula que permite aumentar a competitividade.

Com o hábito que se prolongou, durante muito tempo, de ir almoçar à cantina com os empregados, sabia todos os seus nomes. Em março de 2015, numa visita do então Presidente da República Cavaco Silva a uma das suas fábricas em Ponte de Sor, Américo fez a visita guiada e apresentou o Chefe-de-Estado aos trabalhadores.

Sempre manteve o hábito de passar pelos corredores das suas empresas, onde verificava se estava tudo bem. Qualquer situação a exigir especial cuidado ou necessária resolução era devidamente apontada num caderno que trazia para o efeito.

Ao longo de várias décadas encontrou-se diversas vezes com os irmãos Castro, em Portugal e em Cuba. Com o líder histórico cubano, Fidel Castro, aproveitou a sua deslocação ao Porto para a cimeira Ibero-americana, em 1998, para discutir os Investimentos do Grupo no turismo em Cuba.

Pouco disponível para conversas muito longas, na sua vida privada não admitia quaisquer intervenções profissionais. Consta que apenas por uma vez abriu uma exceção a este hábito, quando em 2005, numa viagem à Patagónia, atendeu uma chamada que resultou na sua entrada na Galp.



Refeitório da Amorim & Irmãos em 1950

“Américo Amorim foi um dos principais acionistas fundadores da Telecel em 1991, criando as condições essenciais para a atribuição da licença ao segundo operador móvel que viria a revolucionar rapidamente a forma como os portugueses comunicavam. A elevada competência revelada no cargo de primeiro presidente do Conselho Geral da Telecel foi igualmente demonstrativa do seu empenho (...) um contributo determinante para o desenvolvimento do país e, em particular, para o progresso incontestável do setor das telecomunicações”,
Vodafone Portugal

“Quando se escrever a história económica de Portugal do século XX e inícios de XXI, Américo Amorim figurará nas primeiras páginas dos principais capítulos como um dos nossos maiores líderes empresariais”, Miguel Cadilhe, antigo Ministro das Finanças

As oportunidades aparecem todos os dias. É preciso estar disponível mentalmente para elas.

Internacionalizar não é exportar, é ter posições estratégicas no exterior.

Américo Amorim

A expansão

Em 1977, com a ajuda do tio Henrique, que morre um ano mais tarde, sem descendentes, os irmãos Amorim passam a ser os únicos donos da Corticeira. E assim começam a verificar-se profundas remodelações na estrutura empresarial da Corticeira. Em 1978 é criada a Ipcork, destinada à produção de revestimentos em cortiça para pavimentos, área ainda pouco desenvolvida no nosso país. Este é o chamado investimento estratégico num setor em permanente atualização.



Visita com o Presidente Mário Soares a Marrocos

Quatro anos mais tarde é criada nova empresa, a Champcork, destinada em exclusivo à produção de rolhas de champanhe e vinhos espumosos. Como resultado da política de investimentos levada a cabo desde o final dos anos 70 até ao início da década de 1980, a Corticeira é agraciada em 1984 com o Troféu Internacional de Qualidade.

Mas, para percebermos um pouco melhor aquilo que moveu Américo Amorim ao longo dos intensos anos 80 em Portugal, recuemos um pouco no tempo, mais precisamente até 1977, ano em que é promulgado o decreto que autoriza a criação, por parte de particulares, de sociedades financeiras não bancueiras. O Grupo Amorim participa na criação da Sociedade Portuguesa de Investimentos (génese do que posteriormente virá a ser o BPI), com a qual realiza o primeiro investimento corticeiro externo.

Menos de uma década após o 25 de Abril de 1974, e das consequentes nacionalizações em setores chave da economia portuguesa, em 1983 a iniciativa privada é autorizada a atuar nos setores bancário e segurador.



Américo Amorim com o Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Eng.º Ferreira do Amaral, na inauguração na Telecel

Escritura do BCP, em 1984



Logo no ano seguinte, Américo Amorim avança, em conjunto com outros parceiros, com a criação do BCP. A 4 de setembro de 1984, um grupo de empresários reúne-se no Hotel Buçaco. A intenção é simples, a de apresentar a Ernâni Lopes, ministro das Finanças e do Plano, uma estratégia sólida, que terá o condão de transformar por completo o rumo do mundo financeiro nacional.

Uma outra investida no setor financeiro dá-se com a criação do Banco Nacional de Crédito Imobiliário (BNC). Esta é mesmo a primeira instituição privada a operar na área financeira. Imparável, participa na fundação da SPR (Sociedade Portuguesa de Capital de Risco) e na Ocidental Seguros, e lança uma *joint-venture* com o grupo francês Accor para a construção de hotéis em Portugal, entre outros negócios.

A comunidade

As questões sociais sempre estiveram entre as preocupações das empresas Amorim. Após o incêndio de 1944, foram os próprios trabalhadores quem retribuíram a afeição da família e ajudaram na reconstrução da fábrica. Inovadores no Portugal dos 40, implementaram os refeitórios e assistência médica para os operários. Em plena década de 1950, a Amorim foi precursora na oferta, pelo Natal, de um bacalhau a cada operário, em reconhecimento pela sua participação no esforço coletivo.

Com preocupações de boa cidadania, Américo criou dois bairros sociais, um em Mozelos e outro em Silves, para acolher os trabalhadores da Corticeira Amorim. Bons pagadores, em 1967 toda a população em redor dos Amorim sabia que a família pagava mais 10% que o estipulado nos contratos coletivos.

Esta atenção para com a comunidade foi sendo incutida pelas primeiras gerações. O próprio tio Henrique Amorim obteve o grau de Comendador em abril de 1952 pelo seu trabalho em Santa Maria de Lamas, com a oferta de infraestruturas, equipamentos sociais, educativos, culturais e desportivos.

Já nos últimos anos, ofereceu um milhão de euros à Junta de Freguesia de Mozelos para a construção de um lar de terceira idade.



Comemoração dos 60 anos da Amorim Cork Composites, com António Rios de Amorim e Eduardo Correia

“A capacidade empresarial e de gestão, o risco, a solidez do grupo que criou, a forma discreta como se posicionou na vida empresarial, constituem valores que deverão ser enaltecidos e reconhecidos por todos”, AIP (Associação Industrial Portuguesa – Câmara de Comércio e Indústria)

“Um dos raros grandes dirigentes e visionários da indústria portuguesa. O primeiro exemplo de como a aposta na inovação e em recursos humanos qualificados é a solução para garantir a competitividade”, Sebastião Feyo de Azevedo, Reitor da Universidade do Porto

“Uma das principais referências do mundo empresarial dos últimos tempos”, Rui Moreira, presidente da Câmara Municipal do Porto

Não é por as coisas serem difíceis que não temos ousadia. É por não termos ousadia que as coisas são difíceis.

Américo Amorim

As novas apostas

A entrada de Portugal na CEE trouxe vastas mutações a muito setores da sociedade, e o imobiliário não fugiu à regra, com um *boom* na construção e elevadas margens de lucro. Em 1989, o Grupo Amorim cria a Inogi juntamente com a ISM. Esta ficará ligada a alguns projetos de grande visibilidade em Lisboa, como as Torres de Lisboa, a Nova Campolide ou a reconversão do antigo Édén Teatro.



Em 1992 lança a Amorim Empreendimentos Imobiliários, responsável pela construção do Arrábida Shopping, para além do Sintra Business Park ou dos Clubes Residenciais, com presença do Porto ao Algarve.

Também na hotelaria e no turismo Américo Amorim deixa a sua marca. Em 1997 faz uma associação em *joint-venture* com a Accor, o então maior grupo hoteleiro do mundo. Já em 1987 tinha criado a Portotel, que implementou a cadeia Novotel, bem como a Portis, responsável pelos Hotéis Ibis. Destaque, ainda, para a participação da Amorim Turismo no Casino do Estoril. O Grupo Amorim participa igualmente no empreendimento Pine Cliffs e em Vilalara, na encosta da Praia da Gaivota, em Lagoa (Algarve), considerada uma das cinco melhores unidades de talassoterapia do mundo. Na Figueira da Foz está presente na Sociedade Figueira Praia, detentora do Casino da Figueira.

Mas a década de 1990 é, igualmente, um período marcado pela ascensão da denominada Nova Economia. O estilo inquieto e visionário do empresário faz com que se associe ao lançamento do primeiro operador privado de comunicações móveis. Em 1991, o Governo português abre concurso para o efeito, com grande participação de grupos económicos e associações empresariais nacionais. Concretiza um dos maiores negócios de sempre em Portugal, com a fundação da Telecel (que em 2001 dá lugar à Vodafone), num consórcio dominado pelo Banco Espírito Santo, com a participação da Telepri e da Air Touch.

Não vai ficar nas telecomunicações durante muito tempo. Em 1996 vende a sua parte do negócio por 100 milhões de euros, quando a participação custara à volta 15 milhões de euros

Américo Amorim entrega a Zhang Yaocang, Vice-Presidente do grupo Sinopec, uma miniatura de um Barco Rabelo



As atenções do Grupo focam-se também nas margens do Douro, mais concretamente no Vinho do Porto. Com a compra da Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo e da Casa Burmester, a família passa a deter as marcas Burmester e Gilbert's. Aquando da sua morte, estava criado um robusto projeto de enoturismo e de produção de vinhos de qualidade do Douro, onde se incluem os famosos Vinhos do Porto, um trabalho feito em torno da valorização da marca Quinta Nova.

É em 2005 que Américo Amorim avança com aquele que foi um dos seus mais acarinhados projetos, a aquisição da Galp. O negócio fica a cargo da Amorim Energia, que, em conjunto com outros parceiros, adquire um terço do capital social da Galp Energia. Esta decisão acaba por ajudar à resolução de um imbróglgio político e estratégico. Américo Amorim diz mais tarde que a compra da petrolífera nacional teve como bases a sua intuição e visão estratégica. E assim se consuma o último grande negócio com intervenção direta de Américo Amorim. Ciente da importância da empresa para o universo Amorim, bem como a sua relevância estratégica para Portugal, Américo Amorim mantém-se à frente do Conselho de Administração da Galp Energia até outubro de 2016, quando, por motivos pessoais, abandona o cargo.

O legado

Com um percurso feito de ações, ao invés de palavras, o legado de Américo Amorim é, acima de tudo, uma miríade de atos e projetos, que foram muito para lá da cortiça.

A sua grande opção estratégica sempre se baseou na intuição para descobrir e na ousadia para investir nos nichos de mercado português, conseguir fazer produtos de altíssima qualidade, exportá-los ou potenciá-los dentro de portas.

Capaz de ver mais além, e antes de todos os outros, o seu instinto, vontade de criar e construir perdurarão. As novas gerações terão muito a aprender com um homem que desenvolveu um conglomerado de dimensão internacional, que fez da cortiça uma matéria-prima de primeira qualidade, que dominou o setor e chegou a mercados cujos espíritos mais acomodados nunca sonhariam.

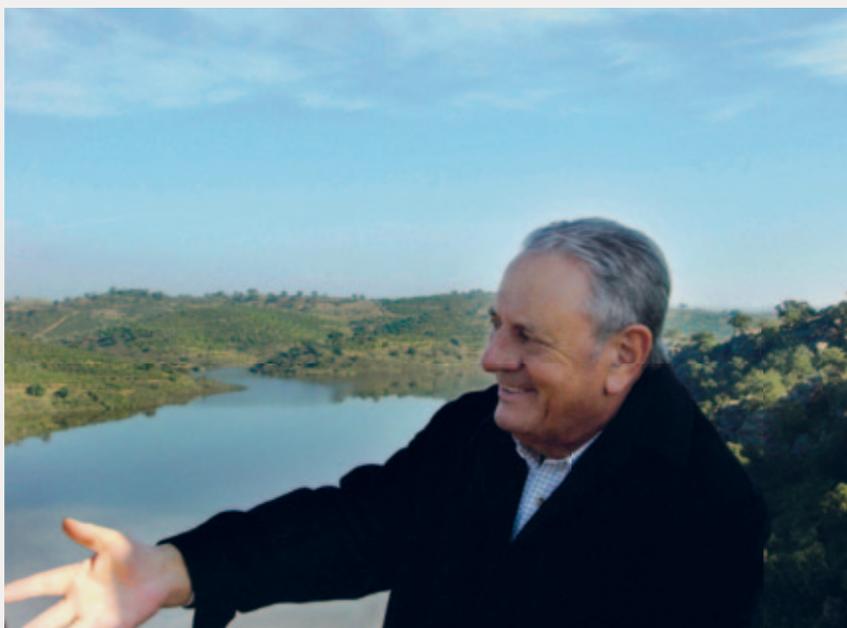
O seu prestígio e sagacidade fizeram de Américo Amorim o mais antigo membro do *European Round Table of Industrialists*, instituição que reúne os maiores industriais da Europa, líderes nos vários setores de mercado, com o objetivo de promover a competitividade e o crescimento da economia.

Comendador da Ordem Civil do Mérito Agrícola e Industrial - Classe Industrial, desde 1983; Cônsul-geral honorário da Hungria em Portugal; Comendador agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, em 2006; Doutoramento Honoris Causa pela universidade norte-americana de St. John's, em 2009.



Atribuição da Comenda Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, em 2006

O nosso querido pai, Américo Amorim, ficará certamente na história como um dos grandes empresários portugueses dos séculos XX e XXI. Ao longo de mais de 60 anos de trabalho, construiu um dos maiores grupos económicos portugueses, com participações relevantes em vários setores da economia.



Começou a trabalhar muito novo, dedicando grande parte da sua vida empresarial a revolucionar o negócio da cortiça, conquistando a sua verticalização e internacionalização, o que permitiu à Corticeira Amorim atingir a liderança mundial da produção e distribuição de produtos de cortiça. Podemos, por isso, afirmar com orgulho que o nosso pai teve uma influência determinante no desenvolvimento deste setor de atividade, com uma enorme importância económica para o nosso país, sendo hoje o apelido Amorim identificado mundialmente com o negócio da cortiça.

Nos anos 80 e 90, soube diversificar os negócios e investimentos, expandindo os interesses do grupo a áreas como a imobiliária, o turismo, as telecomunicações e a financeira. Em particular, na banca esteve na génese dos primeiros bancos privados que foram fundamentais para o desenvolvimento da economia e das empresas.

Já neste século, revelou uma enorme audácia e coragem, ao realizar o investimento que conduziu o Grupo Américo Amorim a acionista de referência da Galp. A sua dedicação pessoal a este projeto, tendo inclusivamente assumido o cargo de Presidente do Conselho de Administração, foi fundamental para assegurar uma estratégia própria e independente para a Galp.

Para o nosso pai, ser empresário era um verdadeiro ato de missão, pelo que, muitas vezes afirmava que “não tem empresas quem quer, mas quem tem a capacidade para tal”.

Ensinava a todos que com ele trabalharam e privaram os valores de solidez, rigor e trabalho, que são elementos indissociáveis do que hoje somos e fazemos.

O seu percurso ímpar foi marcado por uma elevada visão estratégica e uma capacidade única de antecipar tendências.

Em cada negócio, do maior ao mais pequeno, revelou sempre perseverança, firmeza, determinação e entusiasmo, que foram fundamentais para o sucesso que alcançou.

Marido extremoso, pai presente nos principais momentos da nossa vida, foi sempre um avô orgulhoso e sorridente com os seus 6 netos e netas. É o nosso pai, do qual nunca esqueceremos os seus ensinamentos e os seus conselhos e é, com base neles, com confiança, que vamos ao encontro do futuro.

Recebemos nos últimos meses inúmeras mensagens e testemunhos de homenagem e reconhecimento pela vida e obra do nosso pai, pelo que representou na vida de muitas pessoas e na economia portuguesa. Agradecemos com toda a sinceridade essas mensagens que significaram muito para nós.

Obrigada Pai e até sempre!

Paula, Marta e Luísa